

Futuro versus Passado

Coligação Nacionalista

Pelos discursos de Luís Inácio Lula da Silva em Porto Alegre, no sábado, e em São Paulo, no domingo, entende-se por que as pesquisas indicam vitória de Fernando Henrique no primeiro turno: as medidas anunciadas pelo candidato da coligação Muda Brasil (ou implícitas em suas críticas) não correspondem ao desejo do eleitorado popular.

A oposição insiste que: 1 - Não há estabilidade social, econômica no país - o Real acabou; 2 - O governo quer privatizar a Previdência e "matar os trabalhadores"; 3 - O certo seria mexer no câmbio e erguer barreiras para proteger os produtos nacionais; 4 - As importações de alimentos dos sócios do Mercosul deveriam ser suspensas para proteger a agricultura brasileira.

Como em 1994, a coligação PT/PDT/PSB/PC/PC do B teima que o processo de estabilização é um engodo, insultando a inteligência dos mais de 13 milhões de brasileiros das classes baixas que tiveram um ganho enorme com o fim da inflação. Gente que, pela primeira vez, conquistou previsibilidade orçamentária, passou a se alimentar melhor e a comprar eletrodomésticos. Eles não podem aceitar a sombria previsão anunciada por Lula, de que Fernando Henrique se prepara "para apertar ainda mais a corda no pescoço do povo".

Não entendem também por que Lula, curiosamente, parece mais preocupado em agradar os setores médios urbanos, como funcionários públicos com a estabilidade ameaçada, os nostálgicos dos ganhos financeiros da inflação, os que cultivam o sonho impossível de uma economia fechada e cartelizada que sacri-

fica o consumidor e onera os segmentos mais pobres com o imposto inflacionário. Esse programa, definitivamente, não concede prioridade à maioria do povo brasileiro.

A grande massa dos eleitores só pode se preocupar pelo futuro do Mercosul quando vê um candidato atacar as importações da Argentina, do Uruguai e do Paraguai. Porque o desejo antipopular de subsidiar as grandes cooperativas de laticínios com o dinheiro do contribuinte? Será que a idéia é forçar as famílias brasileiras carentes a consumirem leite mais caro por razões nacionalistas?

A preocupante frase do comício gaúcho, de que "só vão entrar no Brasil produtos que o Brasil não pode fabricar", anuncia a volta ao velho modelo de substituição de importações da era Geisel, que tanto favoreceu a formação de cartéis, conglomerados e indústrias não competitivas. É estranho defender uma economia autárquica quando o Brasil, entre 1990 e 1997, aumentou em 303% suas exportações para os demais países do hemisfério.

A grande massa dos eleitores repele ainda o arraigado pessimismo da oposição, segundo o qual o país está perdido, indicando preferir o diagnóstico do economista Edmar Bacha, em entrevista à revista *Veja*: "O potencial do Brasil continua intato. O país pode voltar a crescer rapidamente se conseguir apressar as reformas das suas instituições (...) É preciso construir um país com instituições pertinentes à integração econômica mundial da qual somos parte."

Voltar ao passado é suicídio - o povo brasileiro sabe disso.